

A narrativa de experiência pessoal nos estudos sociolinguísticos

The narrative of personal experience in sociolinguistic studies

Claudia Teodoro da Silva¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar aspectos sobre a narrativa como relato de experiência pessoal no interior dos estudos sociolinguísticos, destacando, primeiramente, sua configuração e aplicabilidade nos estudos clássicos da sociolinguística laboviana. Na sequência, os deslocamentos e desdobramentos desse conceito na perspectiva da sociolinguística interacional. Para isso, verificou os diferentes pontos de vista sobre narrativa no interior da própria sociolinguística, ou seja, as reformulações práticas desse instrumento no campo teórico-metodológico dos estudos da linguagem. Nesse percurso, aplicou a pesquisa bibliográfica para tal fim, levantando as principais contribuições científicas sobre o tema presentes na literatura. Tal processo colocou em pauta as contribuições de Labov e Waletzky (1967), Labov (1972), Tarallo (1986), Flannery (2010, 2011), entre outros pesquisadores que abordam a temática. Nessa direção, observou que, em Labov e Waletzky, a narrativa compreende uma estrutura rígida, fixa e preestabelecida, ao passo, na sociolinguística interacional, a narrativa é avaliada considerando o contexto histórico e cultural em que ela ocorre, bem como os atores sociais responsáveis pelo evento comunicativo e os desdobramentos advindos dessa prática comunicativa.

Palavras-chave: Narrativa; Sociolinguística; Contexto cultural.

ABSTRACT

This article aims to present aspects of the narrative as an account of personal experience within sociolinguistic studies, highlighting, first of all, its configuration and applicability in classical studies of Labovian sociolinguistics. Next, the changes and developments of this concept from the perspective of interactional sociolinguistics. To do this, he verified the different points of view on narrative within sociolinguistics itself, that is, the practical reformulations of this instrument in the theoretical-methodological field of language studies. Along the way, he applied bibliographic research for this purpose, raising the main scientific contributions on the subject present in the literature. This process brought to light the contributions of Labov and Waletzky (1967), Labov (1972), Tarallo (1986), Flannery (2010, 2011), among other researchers who address the issue. In this direction, he observed that, in Labov and Waletzky, the narration comprises a rigid, fixed and pre-established structure, while, in interactional sociolinguistics, the narration is evaluated considering the historical and cultural context in which they occur, as well as the actors responsible for the communicative act and the consequences derived from this communicative practice.

Keywords: Narrative; Sociolinguistics; Cultural context.

¹ Professora titular da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Alto Araguaia. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – UNEMAT – Campus de Cáceres.

INTRODUÇÃO

As narrativas sempre fizeram parte da história da humanidade. As pessoas narram por diferentes razões: para sorrir, zombar, encantar, compartilhar um conhecimento, entre tantas outras possibilidades. Na Antiguidade Clássica, as narrativas orais tinham como função contar as histórias dos deuses ou de um povo, perpetuando-se de geração em geração. No dias atuais, a herança desse prática tem migrado para as mídias sociais em razão da era tecnológica e da *geração 3.0* cujas práticas de interação têm crescido nesse ambiente.

No campo dos estudos da linguagem, as narrativas orais assumem seu valor ferramental na metodologia proposta, primeiramente, por Labov e Waletzky (1967), cujo propósito é apreender o fato sociolinguístico em situações naturais de comunicação, ou seja, de apreensão do vernáculo. Para atingir tal objetivo, os pesquisadores apresentam um modelo de estrutura narrativa em que os elementos têm funções determinadas e preestabelecidas, constituindo-se um modelo autônomo.

Diante desse contexto, este trabalho se propôs a apresentar um breve panorama da narrativa como relato de experiência pessoal no interior dos estudos sociolinguísticos, destacando sua importância como instrumento de coleta de dados, e sua implementação em outras áreas do conhecimento, particularmente no reduto da sociolinguística laboviana e na sociolinguística interacional.

Para isso, verificou os diferentes pontos de vista sobre narrativa no interior da própria sociolinguística, ou seja, as reformulações práticas desse instrumento, e, para isso, tomou a pesquisa bibliográfica como escopo, a partir do método bibliográfico, levantando as principais contribuições científicas sobre o tema presentes na literatura. Ou seja, trata-se de uma revisão literária.

Nesse percurso, dialogou com trabalhos de Labov e Waletzky (1967), Labov (1972), Tarallo (1986), Flannery (2010, 2011), Georgakopoulou (2006, 2007), entre outros pesquisadores que abordam a temática. Nessa direção, observou que, em Labov e Waletzky, a narrativa compreende uma estrutura rígida, fixa e preestabelecida, ao passo que, na sociolinguística interacional, a narrativa é avaliada considerando o contexto histórico e cultural em que ela ocorre, bem como os atores sociais responsáveis pelo evento comunicativo e os desdobramentos advindos dessa prática comunicativa.

Como visto, não há que se falar narrativa fora de um contexto social e de um processo comunicativo marcado pelas interações dos indivíduos que participam do evento, visto que há, no processo narrativo, a coparticipação do outro nas atitudes e avaliações do eu que narra.

A narrativa como instrumento de pesquisa na sociolinguística

A narrativa sempre fez parte da história e da memória da humanidade, desde os gregos antigos. Entretanto, enquanto instrumento de coleta de dados, a narrativa de experiência pessoal tem seu pioneirismo nos estudos sociolinguísticos, particularmente nos trabalhos de Labov e Waletzky (1967), Labov (1972).

É em Labov e Waletzky (1967) que encontramos a revolução das abordagens linguísticas para a coleta de narrativas orais, posto que os pesquisadores criaram uma metodologia de estrutura narrativa na qual se verifica uma regularidade nos elementos que a compõem, definindo-se uma padronização de análise, a qual passa a ser aplicada por diferentes áreas de estudos cujo fito é compreender a narrativa como construtora de significados e, também, de identidades daquele que a produzem.

O padrão de análise estabelecido por Labov e Waletzky (1967), portanto, é utilizado até hoje por diferentes áreas do conhecimento em razão das regularidades previstas na estrutura narrativa, aspecto que não obtivera êxito em trabalhos anteriores relacionados à questão.

Na sequência, apresentamos a configuração da narrativa de experiência pessoal na sociolinguística laboviana.

A narrativa de experiência pessoal na sociolinguística laboviana

Uma das preocupações da sociolinguística proposta por Labov, para a coleta da língua falada em situações naturais, esteve voltada à autenticidade do fato sociolinguístico coletado, ou seja, o vernáculo da língua cuja forma de expressão está fundada na comunicação despretensiosa do falante. Nesse sentido, é fundamental que a presença do pesquisador não interfira na naturalidade da situação de comunicação.

A fim de garantir uma estrutura narrativa estável e padronizada para a coleta do vernáculo, as bases desse objetivo são lançadas em 1967 com a publicação do artigo *Narrative analysis: oral versions of personal experiences*, em que Labov e Waletzky apresentam um

modelo de análise linguística voltado ao estudo do texto narrativo oral, meio pelo qual, segundo os estudiosos, seria possível chegar ao vernáculo.

Nesse sentido, para garantir a coleta do vernáculo e evitar a interferência do pesquisador-observador numa determinada comunidade, a pesquisa sociolinguística coloca em funcionamento o método da entrevista cujo foco reside na coleta de narrativas de experiência pessoal. A entrevista, normalmente, deve ser orientada por um roteiro-guia de perguntas, as quais considerem, entre outras informações, dados pessoais do falante, sua rotina, sua história de vida, a fim de deixá-lo mais à vontade e garantir a naturalidade do evento (LABOV, 1972).

Nesse contexto, a narrativa é, para Labov, uma experiência única do falante, e não simplesmente um hábito relacionado a seu passado. Assim, a estrutura narrativa pensada integra os seguintes elementos: *resumo*, *orientação*, *complicação da ação*, *resolução da ação*, *avaliação* e *coda* (LABOV; WALETZKY, 1967).

O *resumo* e a *orientação* são elementos não obrigatórios na narrativa. Enquanto o primeiro tem a função de apresentar, brevemente, o que será a narrativa, a *orientação* compreende a contextualização da história, processo em que o falante marca em seu relato elementos como o *que*, *com quem*, *quando* e *onde* aconteceu o evento. Esta última pode aparecer intercalada em outros momentos da narrativa.

A *complicação da ação*, o único elemento, exclusivamente, obrigatório e o mais importante da narrativa, segundo Labov (1972), é a parte da narrativa em que o falante relata o que aconteceu a partir da apresentação sequencial e temporal de orações narrativas focadas no passado. A ordem das orações narrativas não pode ser alterada, “pois é sua sequência que marca a ordenação dos eventos [...]” (TARALLO, 1986, p. 23). Nessa etapa, para ser considerada uma narrativa mínima, a complicação da ação deve apresentar pelo menos duas orações narrativas. Ainda, para Labov e Waletzky (1967, p. 27), uma narrativa mínima compreende “uma sequência de duas proposições narrativas restritas, temporalmente ordenadas, de maneira que uma mudança em sua ordem resultará na mudança na sequência temporal da interpretação semântica original”.

Na *resolução*, tem-se a finalização dos eventos da ação complicadora, bem como a consequência dela. Por outro lado, na *avaliação*, o narrador justifica sua história para reafirmá-la quanto à sua importância. É aqui que se observa a atitude do narrador diante daquilo que é contado. No tocante à avaliação, Labov (1972) destaca dois tipos de avaliação que podem ser acionados pelo narrador: a interna e a externa.

A avaliação interna compreende o processo em que, no curso da narrativa, o narrador a interrompe para apresentar uma opinião, atitude acerca daquilo que é relatado. Na avaliação encaixada, o narrador, sem interromper o fluxo narrativo, insere elementos avaliativos por meio de intensificadores que podem ser gestuais, lexicais, entre outros, que permitam a aceleração ou desaceleração do ritmo narrativo (LABOV, 1972).

Por fim, na *coda*, marca-se o fim da narrativa, trazendo de volta narrador e ouvinte ao presente da interação. Nesse etapa, é possível observar possíveis julgamentos do narrador sobre o relato oferecido ao ouvinte.

Vale destacar que, à exceção da ação complicadora, os demais elementos que integram a estrutura narrativa não possuem rigidez na sua ordem. Além disso, considerado um modelo autônomo e alheio às questões de memória do narrador, ou mesmo aos valores socioculturais que alicerçam a narrativa contada, o modelo laboviano é alvo de inúmeras críticas, visto que, também, não estabelece relação entre o evento passado e o presente, o que levou muitos autores a revisar e ampliar elementos dessa estrutura, embora ela seja, recorrentemente, até hoje, utilizada nas pesquisas que consideram a relação entre a língua e a construção de sentidos pautada na interação.

A narrativa de experiência pessoal na sociolinguística interacional

Sobre o modelo laboviano, gostaríamos de pontuar duas críticas importantes a ele. Primeiramente, a de Mishler (2002, p. 98), para quem “a narrativa deve ser mais do que uma coisa depois da outra”, razão pela qual destaca duas limitações do modelo: i) a noção de sequencialidade e seu foco num tempo linear/cronológico; ii) o ponto de vista sobre o *fazer* da narrativa em detrimento ao que ela realmente *é*. Ainda, para a autora, há que se considerar que “o passado não está gravado em pedra, e o significado dos eventos e experiências está constantemente sendo reenquadrado dentro dos contextos de nossas vidas correntes e em curso (MISHER, 2002, p. 105).

Riessman (2008) pontua que a estrutura narrativa de Labov limita a análise macro da sociedade em razão de seu modelo localizado a “o que” é relatado pelo narrador, aspecto que caracteriza o modelo como alheio às práticas sociais sobre como contar histórias, além de ignorar as estratégias que se colocam na situação comunicativa.

Tais críticas se devem ao fato de o modelo laboviano ignorar não só a importância das relações micro-macro para a construção dos sentidos nas interações dentro das situações de comunicação, mas também por estabelecer categorias linguísticas e sociais calcadas na homogeneidade (FABRÍCIO; BASTOS, 2009).

Nesse sentido, o modelo laboviano é revisitado, revisto e ampliado por alguns estudiosos, a exemplo de GeorGakopoulou (2006, 2007), Fina (2011), Ochs e Capps (2001), os quais passam a considerar os elementos que circundam o evento narrativo. Além disso, os novos estudos consideram os papéis dos atores sociais envolvidos na comunicação, visto que eles são influenciados pelo contexto no qual se encontram, particularmente, nos processos interativos que analisam a construção da identidade desses atores (FLANNERY, 2010).

A sociolinguística contemporânea passou a considerar os reflexos da relação entre língua, sociedade e cultura na coleta e nas análises de narrativas, por acreditar que a narrativa não é nem dada *a priori*, nem possui regras fixas, uma vez que ela é afetada pelos valores socioculturais do contexto, o que aponta que seus elementos se constroem na situação comunicativa, na interação face a face, é o que defende os estudos da análise conversacional (FLANNERY, 2011; OLIVEIRA, 2013).

A partir das contribuições advindas da antropologia, da sociologia e da própria linguística, os novos estudos, cujos olhares se voltam tanto para a interação quanto para os elementos que a definem, consideram, inclusive, o não dito na determinação dos significados (FLANNERY, 2011).

Da antropologia e da sociologia, a sociolinguística interacional ancora-se nos estudos de John Gumperz e de Ervin Goffman, em que este último alerta que as pistas interacionais, se não compartilhadas em contextos definidos, “resultam muitas vezes em mal entendidos, que variam desde aqueles no âmbito da comunicação entre os sexos, à comunicação entre indivíduos de formações culturais diversas” (GUMPERZ, 1982; TANNEN, 1984 apud FLANNERY, 2011, p. 115).

Em Gumperz, a sociolinguística interacional busca a noção ordem interacional para o qual o autor sugere “(ainda que implicitamente) que o âmbito da interpretação linguística cabe além do universo gramatical ou meramente linguístico. [...] a linguagem é situada no mesmo plano “social e interpessoal” que supre as pressuposições envolvidas na geração de sentido (FLANNERY, 2011, p. 115).

Nesses termos, do evento comunicativo emergem sentidos que interferem significativamente na análise das narrativas, visto que os falantes reais carregam em si valores sociais e culturais oriundos de suas práticas linguísticas em diferentes contextos, os quais incidem diretamente na realidade narrada durante o evento, bem como na cooperação que os interactantes estabelecem. Outrossim, o sujeito que narra, ao fazer, não está imune a essas questões, de modo que não considerar os elementos socioculturais é colocar em questionamento, exatamente, a naturalidade do evento, tal qual defendida por Labov e Waletzky (1967).

Ao trabalhar com narrativas do cotidiano, Georgakopoulou (2006), em seu processo investigativo, toma a narrativa como algo além de uma sequencialidade e de uma estrutura fixa, pois, para a autora, uma narrativa pode remeter a eventos futuros ou mesmo a eventos recentes, ou, ainda, a eventos conhecidos, portanto, compartilhados, contexto em que os narradores, ao orientar um determinado acontecimento recente, por exemplo, como história, configuram aí uma estrutura narrativa, independentemente do modelo pensado por Labov.

Nessa direção, a narrativa é determinada, segundo Georgakopoulou (2007), pela mobilidade e dinamicidade do contexto comunicativo, ou seja, pela interação entre os falantes que a constroem, e não por uma estrutura rígida e preestabelecida, anterior ao evento. É nesse processo que, segundo a autora, é possível observar e analisar os elementos responsáveis pelas identidades dos falantes, advindos da relação interacional entre eles, em que a imagem que se busca projetar sobre si é definida no aqui e no agora da interação.

Nos estudos sobre identidades a partir da análise de narrativas com foco na interação, um outro aspecto que se coloca na compreensão da narrativa está relacionado à noção de posicionamento, visto que, para afirmar a própria identidade, o *eu* se posiciona, se coloca na relação com o outro, estabelecendo aí trocas mútuas, negociando aí o lugar social e verbal de cada um no processo narrativo (DE FINA, 2011).

Nessa perspectiva, o contexto social é definidor da formação das identidades, posto que elas são afetadas pelo contexto sócio-histórico e cultural, ou seja, ele incide sobre a forma de pensar e agir das pessoas cujos efeitos se marcam na forma como suas identidades são projetadas na relação entre o eu e o outro. Afinal, as identidades não são fixas, mas atravessadas por deslocamentos que definem uma identidade móvel, formada e transformada continuamente “[...] em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas formais que nos rodeiam” (CARMAGNANI, 2003, p. 307).

Dito de outra forma, como nos pontuam as considerações clássicas de Hall aplicadas aos diferentes campos de estudos de linguagem que tomam a identidade como o resultado de um processo interacional entre sujeitos.

A identidade passa a ser definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. [...] Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2011, p. 13).

Nesse sentido, os indivíduos projetam diferentes identidades em contextos específicos cujos efeitos constituem uma estratégia para a identidade que se busca inculcar no interlocutor, diante da qual o outro representa, também, faces distintas sobre o seu eu no outro.

Se pensarmos as narrativas *online* da atualidade, podemos fazer relação com Saraiva (2019), ao estudar questões de identidade, em que cita, por exemplo, a identidade de um jornal que, na relação com seus sujeitos, produz uma narrativa

[...] de um tempo social objetivado, apresentando os “acontecimentos” que o definem, que o marcam como “verdadeiro”, uma história do presente. No plano da enunciação, estabelece recorrências, produz identidades sociais, de modo que a narrativa que o traduz é superposta por um tempo “vivido”, servindo de suporte para a constituição do jornal enquanto sujeito coletivo enunciante, definindo, nesse processo, hábitos na sua clientela, dos quais se alimenta e satisfaz suas expectativas (SARAIVA, 2019, p. 85).

Como se observa, a narrativa é dinâmica, viva e marca sua relação com a sociedade, de modo que não se pode falar de identidade fora de um contexto, visto que as ações do eu impactam as atitudes do outro numa relação recíproca de trocas e negociações que define a identidade de cada um deles. Nesse sentido, a narrativa pode advir de um sujeito coletivo, ou mesmo de um sujeito individual, o fato aqui é que ela, quando assume a forma de uma história, remete aos elementos do modelo pensado por Labov, porém considerando as interferências socioculturais nesse processo de construção de significados responsáveis pela projeção das

identidades de narradores que são atores sociais constituídos, pertencentes a uma determinada comunidade que afeta a forma como eles apreendem o mundo e compreendem seu lugar nele.

Por fim, gostaríamos de apresentar as considerações de Ochs e Capps (2001) que, embora sigam a estrutura proposta por Labov, deste se distanciam por considerar as avaliações ancoradas nos valores socioculturais dos narradores. Além disso, para as autoras, os elementos da narrativa podem se apresentar em qualquer ordem pelos atores sociais.

Pensando a natureza social da narrativa, as autoras pontuam:

A narrativa humana abrange uma rica variedade de motivos e temas O ser humano narra para recordar, inculcar consciência cultural, lidar com um problema, repensar acalmar, ter empatia, inspirar, especular o status quo, justificar uma posição, disputar, fofocar, avaliar a si mesmo e as identidades dos outros, envergonhar, zombar, elogiar e entreter, entre outras finalidades (OCHS; CAPPS, 2001, p. 59, tradução nossa).²

Os elementos propostos pelas pesquisadoras são: a descrição, a cronologia, a explicação e a avaliação, os quais são considerados na sua dinamicidade e na sua relação com a cultura e a sociedade. Nessa dinâmica comunicativa, o outro é corresponsável pela narrativa, visto que esta se dá na troca interativa entre os indivíduos do processo comunicativo.

Considerações Finais

Ao tratar a narrativa no campo dos estudos da linguagem, partimos do modelo laboviano e observamos deslocamentos e distanciamentos quanto à utilização da narrativa como ferramental para coletar eventos comunicativos. Nesse sentido, acreditamos que o trabalho apresenta suas contribuições ao destacar e comparar a proposta de Labov com demais estudos que assumem essa ferramenta metodológica numa perspectiva que considera o contexto histórico, social e cultural dos falantes, particularmente as pesquisas que tratam o estudo da identidade a partir da análise de narrativas.

² No original: Human narrative encompasses a rich array of motives and topics. Human beings narrate to remember, instill cultural knowledge, grapple with a problem, rethink the status quo, soothe, empathize, inspire, speculate, justify a position, dispute, tattle, evaluate one's own and others' identities, shame, tease, laud, and entertain, among other ends (2001, p. 59)

Como visto, a sociolinguística interacional apresenta pontos de aproximações com a sociolinguística laboviana, mas desta se distancia, ao criticar a rigidez do modelo, bem como não consideração dos valores socioculturais na elaboração das narrativas dentro de um contexto real de comunicação em que os narradores são atores sociais afetados pelo contexto e, também, são corresponsáveis pelas representações identitárias que atravessam a construção de uma determinada narrativa.

Nesse sentido, a narrativa, nos estudos contemporâneos, além de ser considerada no contexto de sua construção, sob pena de comprometer a naturalidade de seu evento, amplia seu espectro para além das questões sintáticas e textuais, por ser uma prática social de comunicação que se insere num contexto vivo e dinâmico em que a língua é posta em funcionamento pelos atores da comunicação. Na relação do eu e do outro, diferentes imagens/identidades se projetam enquanto estratégias das pessoas do evento comunicativo.

REFERÊNCIAS

- CARMAGNANI, A. M. G. A questão da identidade na mídia: reflexos na sala de aula. *In*: CORACINI, M. J. (org.). **Identidade e discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.
- DE FINA, A. Discourse and identity. *In*: Van Dijk, T. (org.). **Discourse studies: a multidisciplinary introduction**. London, England: SAGE, 2011.
- FABRÍCIO, B. F.; BASTOS, L. C. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. *In*: PEREIRA, M. G. D.; BASTOS, C. R. P.; PEREIRA, T. C. (org.) **Discursos socioculturais em interação**. Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- FLANNERY, M. R. S. Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n.1, p. 112-119, jan./mar. 2011.
- FLANNERY, M. R. S. “Grandes” a pequenas estórias: contribuições de uma nova perspectiva para a análise da narrativa. **Revista Investigações**, Recife, v. 23. n. 2, p. 117-142, 2010.
- GEORGAKOPOULOU, A. **Small stories, interactions and identities**. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins, 2007.
- GEORGAKOPOULOU, A. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. **Narrative Inquiry**, v. 16, p. 129-137, 2006.
- GUMPERZ, J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. da Silva e Guaciara L. Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. *In*: HELM, J. (org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle, WA: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

MISHLER, E. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. 2002. *In*: MOITA-LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

OLIVEIRA, L. M. **A performance de pessoas com afasia na construção de narrativas em interações face a face em grupo**. 2013. 170f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

OCHS, E.; CAPPS, L. **Living narrative: creating lives in everyday storytelling**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2001.

RIESSMAN, C. K. **Narrative methods for the human sciences**. California: Sage, 2008.

SARAIVA, G. G. **Território e identidade: as descobertas do outro nas disputas entre Brasil França**. 2019. 300f. tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2019.

TANNEN, D. **Conversational style: analyzing talk among friends**. Norwood, NJ: Ablex. 1984.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

Recebido em: 10/11/2022

Aprovado em: 15/12/2022

Publicado em: 22/12/2022